

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A GINÁSTICA PEDAGÓGICA

MÜRMAN, Cinara Valency Enéas<sup>1</sup>

BAECKER, Ingrid Marianne<sup>2</sup>

### RESUMO

A Educação Física Brasileira nos últimos tempos tem sido palco de inúmeras discussões onde destacamos os debates sobre a legalização e legitimação da Educação Física no âmbito escolar; dos Parâmetros Curriculares Nacionais; a qualidade dos cursos de formação profissional. Entretanto, pouco se tem debatido e discutido à respeito da ginástica enquanto um conteúdo da Educação Física. A intenção desse texto é de contribuir para a reflexão sobre a possibilidade de elaborarmos uma proposta de ginástica pedagógica, bem como a viabilidade de trabalharmos com essa proposta no curso de Graduação em Educação Física. Para isso, num primeiro momento, estabelecemos a relação entre Ser Humano, Educação Física e Ginástica, esclarecemos nossa compreensão de movimento humano enquanto “se-movimentar”. Em seguida, apresentamos a compreensão de movimento na ginástica e as propostas de ginástica desenvolvidas no âmbito nacional, dentro da perspectiva da ginástica pedagógica. Por último, analisamos diferentes propostas de se trabalhar com a ginástica: a ginástica esportiva e a ginástica pedagógica. Esperamos que este ensaio possa enriquecer as discussões na nossa área servindo de subsídios para a intervenção pedagógica desenvolvendo propostas de ginástica visando a formação do ser humano.

**UNTERMOS:** ginástica; educação física

---

### ABSTRACT

#### SOME RESPONSES ABOUT PEDAGOGIC GYMNASTICS

Recently, Brazilian Physical Education has been involved in numerous discussions where separate the debates about legalization and legitimization of Physical Education in the school environment; the National Curriculum Parametres; the quality of the courses of professional formation. At the same time, there has been little debate and discussion in regard to gymnastics, even though it is a part of Physical Education. The intention of this text is to contribute a response about the possibility of us elaborating a proposal of pedagogic gymnastics, much like the viability of us working

---

<sup>1</sup>Mestre em Ciência do Movimento Humano, sub-área Pedagogia do Movimento Humano.

<sup>2</sup>Professora Dra. UNISC.

with this proposal in establishing the relation between Human Being, Physical Education and Gymnastics, we clarify our comprehension of human movement as “self-movement”. Secondly, we present our comprehension of gymnastic movement and the proposals of gymnastics involved in national ambition, in the perspective of gymnastic pedagogy. Finally, we analysed different proposals of working with gymnastics ourselves, gymnastics as a sport, and pedagogic gymnastics. We hope that this research can enrich the discussions in our area serving subsidies for pedagogic intervention involving proposals of gymnastics visualising the formation of the human being.

UNTERMS: Gymnastics; Physical Education.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física brasileira nos últimos tempos tem sido palco de inúmeras discussões onde destacamos os debates a respeito da legalização e legitimação da Educação Física no âmbito escolar; dos Parâmetros Curriculares Nacionais; a qualidade dos cursos de formação profissional, bem como tentativas de se compreender e analisar as diferentes propostas metodológicas para o ensino da Educação Física. Entretanto, pouco se tem debatido e discutido à respeito da ginástica enquanto um conteúdo da Educação Física. O ensino e propostas de se trabalhar com a Ginástica nos cursos de formação profissional e no ensino de 1º e 2º graus quase não aparecem no cenário da Educação Física brasileira, poucos autores abordam esse tema (veja Soares, 1994; Goellner, 1992; Coletivo De Autores, 1992).

É importante salientar que a Educação Física no Brasil mereceu destaque e foi inserida no contexto educacional através da ginástica, mais especificamente, pelos métodos ginásticos. A contribuição da ginástica é inegável para o desenvolvimento na Educação Física como um dos conteúdos da cultura do movimento.

Apresentamos uma compreensão de ginástica que trata de movimentos corporais que são realizados de forma consciente e que tem um objetivo determinado considerando-a um sistema de movimento aberto, no qual são dadas intermináveis possibilidades do “se-movimentar” humano (Baecker, 1997).

Partindo-se dessas colocações podemos dizer que tanto nas escolas como no curso de formação a concepção de ginástica que é privilegiada, na maioria das instituições, caracteriza-se pela esportivização da mesma. A ginástica é vista como uma forma de realizar determinados gestos visando o rendimento do aluno refletindo-se insuficientemente os aspectos pedagógicos.

Diante disso surgem as perguntas (dúvidas): Que concepção de ginástica

É privilegiada no curso de formação e nas escolas? Como trabalhar com a concepção de “ginástica esportiva”<sup>1</sup> nos cursos de formação profissional? Quais as implicações aos alunos se trabalharmos com uma ginástica esportiva? O que deve ser abordado na ginástica e como ela deve ser trabalhada nos cursos de formação profissional?

Cabe nesse momento mencionar um exercício de reflexão que realizamos em um curso sobre Pesquisa-Ação, organizado para os alunos do Pós-Graduação, que espelha a realidade sobre a ginástica apresentada anteriormente. Refletimos a respeito de nossas experiências com a ginástica, sobre o que gostávamos e o que não gostávamos em sua prática (ginástica com aparelhos), partindo do que já havíamos vivenciado. A respeito do que não gostávamos na ginástica, foram apresentadas diferentes colocações individuais ao grande grupo, das quais destacamos as seguintes: não sabia fazer os exercícios complicados; não entendia o significado do que fazia na ginástica olímpica; tinha dificuldades para executar os exercícios por isso não gostava da ginástica com aparelhos; não gostava da ginástica porque ocasionava dores musculares; não gostava do sentimento de inferioridade que surgia nos alunos que não conseguiam fazer os exercícios pela forma exigente com que a ginástica era trabalhada; havia uma limitação das possibilidades de movimento dos alunos não permitindo a exploração dos aparelhos; exigia um rigor na execução dos movimentos, havendo uma padronização dos mesmos; visava somente o rendimento discriminando os alunos que apresentavam maior dificuldade para executar determinado movimento.

Essas colocações evidenciam uma concepção de ginástica esportiva cuja vivência não foi agradável porque discriminava, selecionava e privilegiava alguns alunos, o movimento era padronizado tendo um fim em si mesmo, buscando o rendimento e a execução do gesto técnico. Sendo assim surgem as seguintes perguntas para a reflexão:

- É possível elaborar uma proposta de ginástica pedagógica?<sup>2</sup>

- Como trabalhar uma proposta de ginástica pedagógica relacionada com o ensino do curso de graduação em Educação Física?

Nossa preocupação é de resgatar um papel fundamental da educação, ou seja, a educação vista como uma atividade de mediação da rede de relações sociais do ser humano considerando-a como “esse próprio existir histórico do homem, ou a realização da historicidade humana na concretude das situações espaço-temporais específicas” (Marques, 1990, p. 89). A responsabilidade da organização da própria vida e as condições para gerá-la, desenvolvê-la e conduzi-la cabe ao próprio ser

<sup>1</sup> Ginástica esportiva é entendida nesse trabalho tanto como a ginástica que privilegia os aspectos técnicos, com ênfase na competição (clubes, federações), como também a ginástica que foi desenvolvida dentro de uma estrutura complexa comercial (as academias, clubes, associações). Ambas contribuem para a produção de material e equipamentos para serem consumidos por usuários, isto é, os ginastas.

<sup>2</sup> A ginástica pedagógica é compreendida nesse trabalho como ginástica com/em aparelhos onde é possível jogar e “se-movimentar” em e com aparelhos baseada nos movimentos básicos da ginástica (saltar, girar, balançar, embalar, rolar, equilibrar...). Na Alemanha, dentro da Pedagogia do Esporte, existem autores como TREBELS, FUNKE, LAGING (1990), que desenvolveram propostas de ginástica com ênfase no aspecto pedagógico apresentando esta concepção de ginástica pedagógica.

humano que deve agir sobre si mesmo e sobre o seu mundo. Ressaltamos que ninguém educa ninguém, mas sim os homens em sociedade se educam e organizam as condições e situações da própria educação.

Partindo-se dessas colocações acreditamos que cabe ao ser humano construir e produzir o seu conhecimento e a sua educação visando a sua emancipação e busca da democracia<sup>3</sup> atendendo aos interesses da maioria da sociedade. Para que isso se concretize devemos compreender a educação dentro da sociedade, com seus determinantes e condicionantes, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização” (Luckesi, 1992, p. 48).

### 1. O Ser humano, a educação física e a ginástica

Partimos do entendimento que educação é um fenômeno inerente ao homem como um ser social e histórico, cuja existência fundamenta-se na necessidade de formar as gerações mais novas, transmitindo-lhes seus conhecimentos, valores e crenças e abrindo-lhes possibilidades para novas realizações” (Gonçalves, 1994, p. 118).

O ser humano é um ser histórico que interage com os outros, construindo e lidando com conhecimentos produzidos, reproduzindo-os e reelaborando-os em novas formas. Ele constitui-se numa rede de relações sociais das quais participa de forma ativa. É um ser inacabado, “não prisioneiro nem mero produto de um ambiente, porque se faz, constrói-se ao construir seu mundo (...)” (Marques, 1990, p.51).

Ao falarmos de ser humano significa percebermos que estamos nos referindo à um ser concreto, cheio de aspirações e mediatizado pelo seu mundo. Através da educação podemos auxiliá-lo na construção do seu mundo, isto é, podemos oferecer condições para que esse ser humano se desenvolva e adquira competências e autonomia para que assuma com comprometimento o seu papel de sujeito da sociedade.

Atualmente, na nossa sociedade estamos privilegiando a construção de um ser humano individualista, insensível aos problemas do seu cotidiano, incapaz de comprometer-se e engajar-se no processo de construção social. A forma como vem se apropriando do conhecimento torna-o um mero reproduzidor das relações sociais, embrutecendo-o, afastando-o cada vez mais da sua subjetividade<sup>4</sup> e dos interesses coletivos.

Precisamos contribuir para que os seres humanos sejam capazes de

<sup>3</sup> Democracia etimologicamente significa “força do povo” e é entendida segundo BAGGIO (1995) como um regime político alicerçado na pessoa, que tenha pressupostos de igualdade e de equidade, de direitos e de liberdade de ação, de condições de vida dignas para todos, de justiça, de participação e onde as decisões políticas são tomadas coletivamente.

<sup>4</sup> Para Habermas (1990, p. 29), o princípio da subjetividade “trata-se da estrutura da auto-relação do sujeito cognoscente que se debruça sobre si como sobre um objeto para se compreender como uma imagem refletida num espelho, precisamente, ‘numa atitude especulativa’”.

construírem a sua história, para que possam conforme Freire (1982), construírem-se a si mesmos na medida em que constróem o mundo e vice-versa.

Ao falarmos da importância de um ser humano autônomo faz-se necessário analisarmos que tipo de formação faz parte do seu cotidiano e, mais especificamente, que contribuições a Educação Física, que é nossa área de estudo, está trazendo para esse processo.

Entendemos que a Educação Física é uma prática pedagógica e como tal produz conhecimentos. Esse conhecimento elaborado na Educação Física está privilegiando muito mais os aspectos instrumentais e técnicos fundamentando-se no paradigma das ciências naturais. Os parâmetros válidos são aqueles impostos pelo sistema esportivo que condicionam a sua prática pedagógica. Os princípios da sobrepujança e das comparações objetivas é o que impera nesta área do conhecimento (veja Kunz, 1991, p. 110) havendo uma padronização e automatização das ações do ser humano não havendo espaço para vir à tona a sua subjetividade, suas emoções e seus sentimentos.

A Educação Física deveria proporcionar ao ser humano um espaço para explorar a inúmeras possibilidades do seu “se-movimentar” vinculado ao seu contexto de movimento, que tenham um sentido e significado para a pessoa que o realiza. Na aula de Educação Física, entendida como um acontecimento social (veja Hildebrandt, 1985), podemos tentar, intencionalmente, modificar a prática pedagógica tradicional, abordando conteúdos e desenvolvendo metodologias de ensino que tenham o intuito de desenvolver as competências do ser humano.

Nessa perspectiva, encontramos no universo da Educação Física a ginástica como um dos conteúdos que pode oferecer subsídios para uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento do ser humano possibilitando a construção de sua práxis. Reconhecendo a ginástica como um elemento da cultura do movimento, podendo contribuir com as reflexões a respeito da importância de se abordar conteúdos concretos, historicizados e que fazem parte da realidade dos educandos.

A ginástica poderá contribuir na construção desse sujeito desde que seja baseada em uma proposta didático-metodológica que enfatize o “se-movimentar”, onde o aluno possa construir suas situações de movimento, tomando decisões e participando na construção da aula, ou seja, também enfatizando os aspectos pedagógicos e não somente nos aspectos técnicos e desportivos do movimento humano.

## **2. O que compreendemos por movimento humano**

O ser humano, desde que se tem conhecimento da sua existência, se manifesta e constitui o mundo que o cerca através de diferentes manifestações sendo o movimento uma dessas formas. Conforme Gonçalves (1994), o homem se relaciona

com o mundo através do seu corpo. Através de seus movimentos expressa seus valores, suas crenças, a sua história. Essa autora ainda ressalta que “a dependência que o homem contemporâneo vive em relação a muitos produtos da moderna tecnologia lhe acentuou a pobreza de vivências em que ele participa de forma imediata, como ser corporal e motriz” (1994, p. 28).

Alves (1989) chama a atenção para o fato de que o que está em discussão na realidade são as diferentes maneiras de se visualizar o corpo, ou seja, encaramos o corpo como um instrumento que é treinado para lutar contra o tempo e o espaço ou o corpo como um corpo que deseja usufruir do tempo e do espaço.

Para melhor elucidar essa questão nos apoiaremos em Tamboer apud Trebels (1992) que apresenta duas interpretações do corpo que não são oriundas da dicotomia sujeito-objeto, ou seja, a concepção de corpo substancial e a concepção de corpo relacional.

Na compreensão de corpo substancial o corpo é visto numa dimensão objetiva, enquanto uma entidade isolável, capaz de ser mensurável e observado como um objeto sendo alvo das pesquisas baseadas nas ciências empírico-analítica. Em contrapartida, a compreensão de corpo relacional entende-o como resultado das relações intencionais do ser humano com mundo, capaz de atribuir significados aos seus movimentos considerando-se assim um corpo-sujeito.

Essas diferentes compreensões de corpo nos remetem para uma diferenciação entre o que significa o “movimento” e o “se-movimentar” humano. O movimento humano pode ser compreendido a partir de diferentes paradigmas que fundamentam as ciências.

### 2.1 - O movimento humano enquanto “movimento”

Essa compreensão observa o movimento humano conforme os pressupostos das ciências naturais. O “movimento” é entendido como um deslocamento de um corpo físico (ou parte dele) no espaço e em um determinado tempo. Segundo Trebels (1992), há um interesse no resultado e na produção de um movimento eficaz para que cumpra uma tarefa.

Nessa perspectiva o movimento a ser realizado na ginástica envolve os pressupostos da física dentro das ciências empírico-analítica. Na Educação Física a área da biomecânica desenvolve estudos e analisa o movimento humano a partir de vetores, deslocamento do centro de gravidade e trajetórias do movimento no sentido de realizá-lo da maneira mais correta possível visando a perfeição técnica do movimento. A técnica é compreendida como a realização de um movimento eficaz com o menor esforço e desgaste de energia. Os estudos da ginástica e o aperfeiçoamento de técnicas de movimento originaram-se dessa compreensão de

movimento trazendo contribuições significativas para a área do treinamento e da ginástica esportiva.

## 2.2 - O movimento humano enquanto “se-movimentar”

O “se-movimentar” conforme Trebels (1992), se caracteriza como uma forma elementar de manifestação da unidade primordial do ser humano e mundo. Essa compreensão do movimento humano parte dos pressupostos das ciências sociais e humanas. Gordijn apud Hildebrandt (1993) ressalta que o “se-movimentar” é um diálogo entre o homem e o mundo com o qual ele se relaciona. Enfatiza também que esse “dialogar” com o mundo apresenta uma intencionalidade e está repleto de sentidos/significados atribuídos pelo ser humano que se movimenta.

Acreditamos que o movimento humano seja uma forma de adquirir conhecimentos, consideramos que em uma aula de Educação Física o “se-movimentar” deve estar permeado de sentidos e significados. Relacionando essa idéia à Gonçalves (1994, p. 149), “esse sentido não envolve somente a direção do movimento em relação a um objetivo externo (...), mas também os componentes subjetivos (como aspirações, temores, emoções, etc), bem como as transformações corporais que ocorrem na realização dos movimentos”. Assim como, este sentido está inserido em um contexto onde a ação é intencional.

Dessa forma, podemos diferenciar o “movimento” do “se-movimentar” quando segundo Buytendijk apud Kunz (1994, p. 96), for possível observar os seguintes aspectos:

1. que o movimento é uma ação de um sujeito;
2. que o movimento é sempre uma ação vinculada a uma determinada situação; e,
3. que movimento é uma ação relacionada a um significado.

Assim, cabe perguntarmos que movimento está sendo privilegiado nas nossas aulas de Educação Física? O que diferencia o movimento realizado no esporte, do movimento da dança, da ginástica, do atletismo, enfim das diferentes maneiras do “se-movimentar” humano?

## 3. O que compreendemos por movimento na ginástica

Realizaremos algumas reflexões sobre o movimento na ginástica a fim de esclarecermos os aspectos que a diferenciam das demais formas de manifestação da cultura do movimento.

Ao resgatarmos a origem do termo “ginástica” percebemos que o mesmo foi utilizado em diferentes momentos históricos apresentando várias interpretações. Na

antiguidade o termo ginástica era empregado para designar os movimentos corporais que eram realizados com o corpo “nu” (“gymnos”). Como Baecker (1997) escreve em seu texto “O que é Ginástica?”, apoiada em Wahrig (1985), as palavras “gymnastike techné” do grego significariam a “arte dos exercícios corpóreos” e as palavras em latim “gimnastica ars” correspondem a expressão “fazer ginástica”. Atualmente, o termo “ginástica” é empregado nas mais variadas formas de interpretação dentro da cultura do movimento. É muito difícil encontrarmos na literatura específica sobre ginástica uma definição que contemple todos os âmbitos em que esse termo está sendo utilizado. Existe uma diversidade muito grande na utilização desse termo, dependendo da sua finalidade ele foi adquirindo diferentes denominações, como por exemplo ginástica para a terceira idade, ginástica aeróbica, ginástica postural, etc. É importante mencionar que os modismos também estão presentes no momento de definirmos o que se compreende por ginástica. Porém, alguns pontos a diferenciam dos outros movimentos corporais da cultura do movimento, tais como: o contexto de ação no qual o movimento está inserido, o significado/sentido que é atribuído pelo ser humano que “se-movimenta”, bem como os elementos básicos da própria ginástica com ou sem uso de aparelhos (saltar, equilibrar, rolar/girar, trepar, balançar/embalar) que “traduzem significados de ações historicamente desenvolvidas e elaboradas” (Coletivo de Autores, 1992, p. 78).

Entretanto, como podemos diferenciar um salto realizado na ginástica de um salto realizado no atletismo? Conforme a Teoria do Interacionismo Simbólico o significado dos movimentos são atribuídos pelas pessoas que realizam esse movimento através do processo interpretativo, bem como pelo contexto de ação.

Blumer (1978) apresenta as premissas básicas do Interacionismo Simbólico que nos auxiliam na compreensão do movimento na ginástica, são elas:

1. Os homens agem em relação às coisas<sup>5</sup> baseados nos significados que estas coisas tem para eles;
2. O significado das coisas surgem ou resultam das interações sociais<sup>6</sup> dos homens com seus semelhantes;
3. Os significados são manipulados e modificados pelas pessoas em um processo interpretativo.

Esse autor ainda ressalta que o significado atribuído pelo ser humano “resulta do processo de interações entre diferentes pessoas (...). Os significados são produtos sociais e são também criações que são trazidas à tona pelas, a através das atividades definidas de pessoas que interagem entre si” (1978, p. 3). Em relação a atribuição de diferentes significados através da interação o GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM (1991), ressalta que esse processo é muito importante

<sup>5</sup> O significado das “coisas” refere-se a tudo aquilo que pode ser descrito, tudo aquilo que pode-se tocar, aquilo ao qual a gente pode se referir. (BLUMER, 1978).

<sup>6</sup> A interação social é uma interação entre agentes e estas determinam o comportamento (as formas de) humano. Os agentes podem modificar, interromper ou prosseguir uma linha de ação. (BLUMER, 1978).



nas aulas de Educação Física, pois possibilita aos educandos fazerem suas interpretações mesmo diante de situações previamente definidas.

Dessa forma, através do processo interpretativo, podemos atribuir diferentes significados por exemplo em relação ao saltar. Em uma aula de Educação Física que tematiza o “saltar” deverá se organizar um contexto de ação em que os educandos possam atribuir diferentes significados, reinterpretações, através de interações sociais, e que possam perceber as diferenças e os significados do saltar na ginástica do saltar no atletismo.

Apesar das diferentes tendências e abordagens na área da Educação Física, a mesma pouco desenvolveu um corpo próprio de conhecimentos, tornando-se um alvo “para as instituições que a instrumentalizaram como correia de transmissão ao meio escolar, de acordo com os interesses sociais de classes hegemônicas”. (Ferreira, 1995, p. 193).

Diante desse contexto podemos perceber que o interesse pela ginástica na escola foi decrescendo, a ginástica passou a ser praticada com o intuito de desenvolver qualidades físicas, buscando a performance e a competição quase desaparecendo do âmbito escolar.

Atualmente, a ginástica que tem um maior número de praticantes é a ginástica por nós denominada de ginástica esportiva, ou seja, a ginástica praticada em clubes academias, federações. As pesquisas feitas sobre essa ginástica também se encontra em um bom estágio de desenvolvimento, principalmente no campo da fisiologia, treinamento desportivo e na biomecânica.

Entretanto, a ginástica, no âmbito educacional brasileiro, dentro de uma perspectiva do que denominamos de ginástica pedagógica, são poucos os profissionais da Educação Física que desenvolvem trabalhos nessa área, entre eles destacamos os seguintes:

- Grupo Ginástico da UNICAMP que elaborou uma proposta de Ginástica Geral que segundo Gallardo & Souza (1997), investiga novas formas de trabalhar a Educação Física Brasileira respeitando “os valores culturais, as características, as expectativas e as necessidades de quem pratica” (p. 26). Há uma valorização do indivíduo explorando-se o potencial de cada um no sentido de contribuir com a construção do grupo. O conteúdo abordado parte das experiências de cada um buscando-se socializá-las para o grupo através da exploração. Baseia-se em uma metodologia que visa ampliar as interações sociais, através do trabalho em grupo, distinguindo-se dois momentos: um voltado para o aumento da interação social e o outro visa a exploração e utilização dos recursos materiais. O importante é o processo, não é competitiva e sim para demonstração. Essa proposta porém ainda enfatiza a aprendizagem das habilidades motoras.

- O Coletivo de Autores (1992), busca fazer uma sistematização da

ginástica adotando ciclos de escolarização com níveis crescentes de complexidade. Propõe trabalhar a ginástica como um tema da cultura corporal de movimento através da problematização da ação ampliando as experiências corporais dos educandos, oferecendo inúmeras possibilidades de enriquecer sua cultura corporal.

- Hildebrandt e Laging (1986) e GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM (1991), esse grupo trabalha com a ginástica dentro de uma concepção de aula aberta à experiência. O centro do processo de ensino é o aluno propondo diferentes formas de vivenciar o “se-movimentar” através da problematização de temas coerentes com o mundo vivido do aluno. Através da experiência amplia-se o mundo de movimento, as decisões da aula são tomadas coletivamente. A ginástica é desenvolvida a partir dos movimentos básicos através de diferentes situações de ensino do movimento e arranjo de materiais. Enfatiza a exploração livre e a valorização do diálogo entre as pessoas envolvidas no processo.

#### **4 - Diferentes propostas de se trabalhar com a ginástica**

Neste momento optamos em fazer uma análise de duas propostas de se trabalhar a ginástica no âmbito educacional onde, as mesmas, apresentam diferentes formas de desenvolver o processo de ensino aprendizagem.

Para os educadores que atuam tanto nos cursos de formação profissional, quanto no ensino escolar é importante que tenham claro que tipo de experiência estão proporcionando aos educandos. Saibam que dependendo da forma como abordamos determinado conteúdo e organizamos as situações a serem vivenciadas pelos alunos durante uma aula interferem diretamente na sua formação. Podemos auxiliá-los a desenvolverem competências para serem sujeitos da história ou um contribuirmos para a manutenção do “status quo” formando um educando passivo sem condições de discernir, compreender e transformar as relações (sociais, políticas, econômicas, culturais, etc) estabelecidas na sociedade. Lembramos que a prática pedagógica não é um ato neutro, ela está permeada de valores, crenças, aspirações. O processo do planejamento das aulas também é um ato político-pedagógico, com isso é preciso se ter claro quais são as convicções éticas que se acredita para trabalharmos de forma coerente. (Rays, 1989).

Na tentativa de elucidar as diferentes propostas da ginástica faremos uma análise dos elementos (concepções) que subsidiam as mesmas.

##### **4.1 - A ginástica esportiva**

Na literatura consultada encontramos alguns autores que apresentam

proposta didático-pedagógica para o ensino da ginástica caracterizado pela esportivização entre os quais destacamos: Borrmann (1980); Hostal (1982); Carrasco (1983); Koch (1980); Kos et al. (1979); Peuker (1973); Peuker (1976); Peixoto (1993) e Dieckert e Koch (1981). Optamos em fazer a análise da proposta dos autores Dieckert e Koch (1981), por apresentarem o referencial teórico que norteia a mesma.

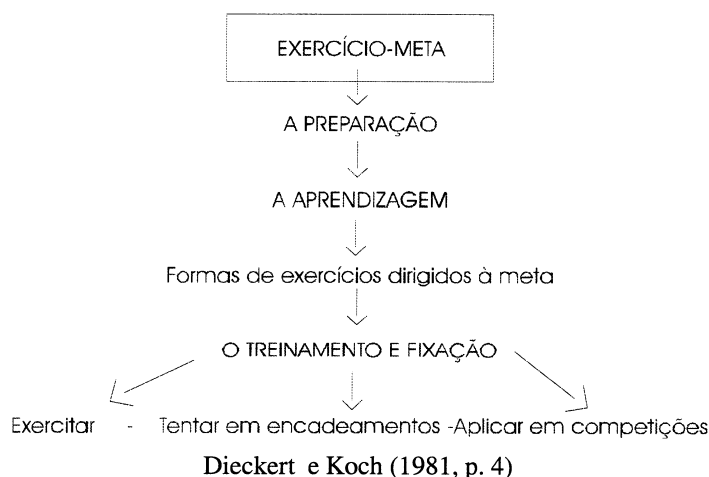
A compreensão de Educação Física caracteriza-se como uma possibilidade de aprendizagem de novas formas de movimento objetivando o êxito na aprendizagem. Enfatiza a competição como uma possibilidade de adquirir experiência própria e autoconhecimento, assim como uma das maneiras de avaliar objetivamente o trabalho desenvolvido.

Percebemos nessas colocações uma concepção de movimento partindo da compreensão de corpo-substancial, ou seja, o movimento é visto como uma ação. O educando não tem a possibilidade de construir seu conhecimento juntamente com o professor devendo seguir as seqüências de movimentos propostas pelo mesmo.

A aula é configurada dentro de uma concepção fechada de movimento, isto é, segundo Hildebrandt, o “‘se-movimentar’ humano é reduzido ao ensino e aprendizagem das formas esportivas do movimento, respectivamente as formas de movimento relacionadas à sua colocação, exclusivamente, no sistema de movimento esportivo”. (1990, p. 36). O conteúdo e o tema das aulas são pré-determinados pelo professor não oferecendo espaços de ação para o aluno experimentar e trazer para a aula sua vivência de movimento.

A metodologia do ensino valoriza as seqüências metódicas de exercícios (baseada nos estudos de Groll e Fetz) no processo de aprendizagem tendo em vista um objetivo final pré-estabelecido (exercício-meta). Utiliza-se de etapas separadas propondo primeiro os exercícios preliminares para depois os exercícios dirigidos à meta. Os autores ainda ressaltam que “a série metódica de exercícios não deve adquirir um caráter de jogo ou brincadeiras”. (1981, p. 3). Acreditam na orientação, experimentação e demonstração do movimento, entretanto essa experimentação tem um caráter meramente de repetição de um determinado movimento e não de exploração das diferentes possibilidades do mesmo.

Para ilustrar apresentaremos o esquema de uma série metódica sem progressão de exercício proposta pelos autores.

**Figura 1- Esboço de uma série metódica.**

Como podemos vislumbrar na Figura 1, o processo ensino aprendizagem é feito passo a passo seguindo uma progressão de exercícios propostos pelo professor a fim de atingir o exercício meta. Enfatiza o treinamento e a fixação de um gesto técnico para utilizá-lo em competições.

O papel do professor é de instruir os alunos dando respostas prontas, demonstrando e explicando o movimento a ser realizado valorizando as seqüências metódicas de exercícios. Estimula a repetição de modelos de movimentos apenas transmitindo informações e repassando conhecimentos. Adota uma postura autoritária tomando sozinho as decisões da aula não propiciando o diálogo entre os participantes do processo de ensino-aprendizagem.

Para fundamentação teórica da referida proposta os autores baseiam-se na Teoria da Ação. Segundo essa teoria “a orientação à meta e o controle dirigido ao que se espera, respostas (Feedback) sobre a execução do movimento e efeito da execução, caracterizam a realização de um movimento como AÇÃO, o que decorre em três fases encadeadas” (Kaminski, Nitsch e Leist apud Dieckert & Koch, 1981, p.5). As três fases constituem-se nas seguintes: antecipação, realização e interpretação. Também realizam uma análise estrutural da ação do movimento ginástico. A concepção de ginástica privilegiada é a que denominamos de ginástica esportiva. Com essa compreensão de ginástica estaremos apenas reproduzindo um conhecimento de forma acrítica e descontextualizada tornando o aluno como um mero espectador da sua educação e conseqüentemente da sua história.

#### 4.2 - A ginástica pedagógica

Para analisarmos uma proposta de ginástica denominada de pedagógica recorremos aos estudos propostos por Hildebrandt e Laging (1986), Laging (1990) e do GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM (1991), que embora não apresentem uma proposta exclusivamente para a ginástica relatam exemplos práticos de aulas enfocando o movimento humano sob outra perspectiva.

Na ginástica pedagógica, o movimento humano é considerado como um relacionamento do homem com o mundo apresentado pelo paradigma fenomenológico de movimento. O “se-movimentar” configura-se no processo dialógico com as coisas no mundo. (Hildebrandt, 1993). Sendo assim, a aula de Educação Física é considerada “um fato histórico social, (...) onde idéias, normas e valores podem ser transmitidos”. (GRUPO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM, 1991, p. 1). Ela é uma realidade social construída pelos seres humanos podendo tornar-se objeto de teoria e análise do contexto educacional, onde cada elemento do processo educativo desempenha papéis diferentes. A maior preocupação é de educar os alunos no sentido de que possam adquirir competências para agir, isto é, pessoas que tenham condições de atuar em diferentes âmbitos da sociedade, mas, que paralelamente, busquem desenvolver uma sociedade democrática e que atuem racionalmente na mudança da mesma. (Hildebrandt, 1985).

A aula é configurada a partir da compreensão de aulas abertas à experiência, ou seja, onde há espaço e possibilidade para os educandos definirem suas próprias situações de “se-movimentar” deixando vir à tona os seus significados subjetivos. (Hildebrandt, 1990). Conforme Laging (1990), a ginástica é uma forma especial do “se-movimentar”, na confrontação, o professor e aluno tomam decisões coletivamente, permitindo ao aluno buscar de forma autônoma a construção do seu conhecimento.

No procedimentos didáticos expostos valorizam o diálogo e a experiência onde o aluno é o centro do processo de ensino. A categoria experiência é muito importante para essa compreensão de ginástica, ela é algo único e irrepetível. A experiência do mundo da vida é caracterizada pela sua indefinição se apresentando de forma polarizada pelas suas qualidades, ou seja, contém um momento subjetivo e um momento objetivo, é algo único e generalizável, e inclui a atividade e a passividade. (Maraun apud Laging, 1990). É entendida como o resultado do enfrentamento de uma situação, de uma confrontação ativa com o ambiente, implicando sempre em aprendizagem. (Laging, 1990).

Os conteúdos das aulas podem ser questionados pelos participantes da aula podendo adquirir uma outra compreensão dos mesmos, superando a sua estagnação e a sua “imutabilidade”. Apresentam um caráter estimulativo e aplicado a outras situações de aula e do cotidiano. O conteúdo não deve limitar-se a reproduzir

os padrões de movimentos pré-determinados pelo sistema esportivo e os seus significados. (Hildebrandt e Laging, 1986). Os alunos devem buscar sua autonomia para ir além do que já está estabelecido pelas práticas esportivas e os aparelhos esportivos existentes. Conforme Crum e Trebels apud Laging, a ginástica é uma forma especial do “se-movimentar” na “confrontação com um provocativo e exigente mundo de aparelhos abrindo a possibilidade de ações de movimentos para o ser humano, para eles às vivenciarem como significativas fazendo valiosas experiências do corpo e do movimento” (1990, p. 5). Laging (1990), ainda ressalta que a ginástica não é apenas a aprendizagem de destrezas, que possam ser analisadas e medidas biomecanicamente, e aperfeiçoadas através da otimização das capacidades de execução determinando normas e padrões de movimento. A ginástica é vista como uma mediação de movimentos típicos da ginástica para a resolução de problemas de movimento. Considerando-se a experiência como uma categoria subjetiva, o movimento pode ser interpretado de diferentes formas. (Ibid., 1990).

Nessa perspectiva, Laging enfatiza a aprendizagem por experiência onde, a mesma, somente acontece quando “os alunos e alunas são autônomos, quando introduzem as concretudes da sua história de vida, quando estão ‘totalmente’ ali com sua subjetividade. Somente assim serão criadores do seu movimentar”. (1990, p. 9).

Essa compreensão de ginástica contrapõe as estruturas de um esporte que enfatiza a objetividade e a sobrepujança, onde privilegia o processo de seleção entre os mais e os menos dotados, especializando as possibilidades de movimento ocorrendo a instrumentalização do corpo ao serviço das destrezas. (Ibid., 1990).

Hildebrandt e Laging, colocam que o planejamento do ensino da Educação Física deve ser significativo para o educando. Para isso, a tarefa fundamental do agir metodológico de um professor é de preparar as situações de ensino de tal maneira que estimulem o aluno a agir e que os problemas e questionamentos do aluno possam ser resolvidos por ele, com base na sua condição de poder fazer e de suas experiências. (1986, p. 24).

A configuração da aula e o arranjo de materiais deve possibilitar ao educando vivenciar as diferentes maneiras do “se-movimentar”, ampliando suas experiências fazendo com que o aluno descubra seus limites, e vença os desafios com ajuda do grupo. A aula deve ser conduzida através de uma confrontação planejada e estruturada com a aprendizagem de movimentos em/com aparelhos. Laging (1990), sugere que a estruturação da aula siga duas orientações:

1ª orientação no âmbito do conteúdo: propiciar atividades que permitam diferentes significados em e com aparelhos;

2ª orientação em relação ao método: criação de situações de movimento abertas à experiência para que aconteça a encenação da confrontação com as atividades e com o mundo de aparelhos.

Essa estruturação metodológica baseia-se na aprendizagem por problemas. O processo de ensino-aprendizagem orientado pela problematização se opõe, à redução do mundo de movimento já desde o princípio às destrezas normatizadas, e a “transmitir um processo de passo à passo, como é intencionado, especialmente, com as séries metódicas de exercícios”. (Ibid., p. 10). Os procedimentos metodológicos orientados pelo problema deve tornar cientes os problemas de movimento, assim como, possibilitar a produção de soluções de movimento que satisfaçam a subjetividade. Para desencadear esse processo de aprendizagem o professor pode lançar mão e oferecer aos alunos situações de movimento pré-construídas, onde Laging (1990) chama a atenção para quatro formas de facilitação da aprendizagem:

1ª Experimentação livre: possibilitar aos alunos um acesso livre e espontâneo de problemas. Destacam-se três aspectos: Primeiro os alunos podem apropriar-se dos materiais conforme suas necessidades de movimento e ao seu conhecimento corporal. No segundo momento os alunos podem ser confrontados com os arranjos de materiais que oportunizem diferentes experiências. Em terceiro lugar os alunos devem projetar, coletivamente, as ofertas de aparelhos e movimento.

2ª Compreender intenções de movimento: devem ser criados arranjos de materiais que provoquem a confrontação problemática com os movimentos básicos. Mediante a experimentação no mundo dos aparelhos arranjados os alunos compreendem a intenção de movimento e experimentam diferentes soluções. As soluções encontradas às situações de movimento deverão ser apresentadas, descritas e refletidas, para se compreender o problema de movimento que se encontra por trás, escolhendo a solução de movimento que seja satisfatória.

3ª Propostas de aprendizagem: Os problemas de movimento contidos na intenção do movimento (etapa anterior), tornam-se evidentes. Os alunos experimentam uma tensão entre “o corpo como objeto” e o “corpo como sujeito” (Tamboer apud Trebels, 1992), que só pode ser “harmonizado” através de uma prática apropriada. Dessa forma, devem ser encontradas formas de movimento gímnicas, que possam valer como resposta ao provocante mundo de aparelhos e que satisfaçam a subjetividade.

4ª Configuração explorativa: essa etapa se caracteriza pela configuração de uma maneira explorativa para o processo de aprendizagem. Os alunos podem desenvolver, experimentar, e executar, individualmente ou em grupos arranjos de materiais desenvolvidos por eles mesmos. Devido a configuração criativa é muito difícil o professor prever e planejar sozinho a aula, pois são os próprios alunos que configuram criativamente a aprendizagem em relação a nova capacidade de movimento. Desse modo, se parte do princípio que a aula seja proposta, principalmente, pelos alunos. Ao agir relacionado à criatividade o professor não deve impor limites e, sim orientar e auxiliar no processo.

Partindo-se dessas formas facilitadoras da ginástica propostas por Laging (1990) é importante refletirmos sobre o papel do professor. Nesse processo é imprescindível a presença do diálogo e da orientação do professor, não para dar respostas prontas para os problemas, mas sim propor tarefas de “se-movimentar” incentivando a descoberta e a exploração, mediando o processo de ensino-aprendizagem. As intervenções do professor são realizadas no sentido de auxiliar os educandos no processo de construção da aula e, conseqüentemente do conhecimento.

O professor exerce uma atitude democrática propiciando a participação do aluno onde, os mesmos, tomam as decisões da aula coletivamente. Gera a autonomia dos alunos através da problematização da situação de aula.

O referencial teórico adotado baseia-se no Interacionismo Simbólico desenvolvido pelos sociólogos Blumer, Turner, Mead e Garfinkel. Foi Blumer que propôs as três premissas básicas dessa teoria que já foram apresentadas anteriormente. A interação é importante para as aulas de Educação Física porque os educandos podem interpretar e reinterpretar os significados das coisas nas diferentes situações vivenciadas na aula. As relações de interações podem ser modificadas, “descongeladas” conforme é organizada e configurada a aula. Veja o quadro a seguir proposto pelo GRUPO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM (1991) onde essa interação acontece:

**Figura 2 - Organização/Interação**



GRUPO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM (1991, p. 5)

Sendo assim, a Educação Física desenvolverá, “através da interação, todos os participantes, os possíveis significados e sentidos” (Ibid., p. 7), descongelando as condições fixas de interação.

Podemos dizer que se a ginástica for trabalhada nesta perspectiva estaremos privilegiando a concepção de ginástica pedagógica. Essa proposta de ginástica prioriza a autonomia do aluno onde o mesmo é o sujeito de sua história produzindo o seu conhecimento e tomando decisões coletivas. A aula é vista como uma das possibilidades de ampliar o seu mundo de movimento podendo extrapolar



suas experiências para o seu dia-a-dia. Favorece, dessa forma, a democracia e o diálogo contribuindo para a formação de um ser humano crítico que busca sua autonomia e é socialmente responsável.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa intenção foi de contribuir com a reflexão no campo da Educação Física na tentativa de identificarmos que experiências de movimento estão sendo desenvolvidas na nossa área.

Na tentativa de contrapor essa realidade identificamos a ginástica como um conteúdo da Educação Física com um grande potencial para o desenvolvimento do “se-movimentar” do ser humano.

Essa proposta de ginástica pedagógica é importante para a formação dos alunos no sentido de mostrar que existem diferentes formas para se trabalhar com um conteúdo. Dependendo das convicções (de sociedade, ser humano, educação, aula...) adotadas estaremos privilegiando uma determinada concepção de movimento.

A ginástica pedagógica vislumbra o movimento humano a partir da compreensão do “se-movimentar”. Percebe o aluno como sendo o centro do processo ensino-aprendizagem onde, através da problematização das situações, consegue ampliar esse “se-movimentar”. A vivência de experiências possibilita atribuir outros significados ao “se-movimentar” e aos materiais.

É importante, mais uma vez, mencionarmos que essa proposta de ginástica pedagógica não despreza o movimento técnico, ou seja, não consideramos ruim a aprendizagem de um movimento técnico, mas sim a forma e os objetivos a que se destina é que devem ser repensados. Acreditamos que ao invés de privilegiar o resultado conseguido com o movimento técnico, devemos enfatizar o processo de aprendizagem do movimento

Esperamos que este ensaio possa contribuir com as discussões na nossa área servindo de subsídios para a intervenção pedagógica e propostas da ginástica visando a formação do ser humano. Acreditamos contribuir na formação de um ser humano quando possibilitamos que, o mesmo, adquira competências para um agir autônomo buscando ser um cidadão crítico, consciente, emancipado e que possa intervir no processo de construção do seu conhecimento, da sua história e da sociedade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, R. O corpo e as palavras. In: **Conversando sobre o corpo**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1989.

KINESIS, Santa Maria, n. 20, 1998

- ARAGÃO, L. M. da C. **Razão comunicativa e Teoria Social Crítica em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- BAECKER, I.M. **A Promoção do Desenvolvimento da identidade da criança em aulas de Educação Física**. Revista Kinesis. Santa Maria, 1996b. No prelo.
- \_\_\_\_\_. **Texto introdutório: O que é ginástica?**. Santa Maria, 1997. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. **A Promoção do Desenvolvimento da Identidade em aulas de Educação Física em Escolas Brasileiras de 1º Grau**. Pôster apresentado no Congresso Mundial de Educação Física AIESEP, Rio de Janeiro: 1997a.
- BAGGIO, A M. Uma Democracia Eficaz. **Revista Cidade Nova**. São Paulo: Cidade Nova, out. p.12-14, 1995.
- BLUMER, H. **O posicionamento metodológico do Interacionismo Simbólico**. Reinbek bei Hamburgo: Rowohlt, 1978. Texto Traduzido.
- BORRMANN, G. **Ginástica de Aparelhos**. Lisboa: Estampa, 1980.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CARRASCO, R. **Ginástica com aparelhos Cadernos Técnicos do treinador: rotações à frente**. São Paulo: Manole, 1983.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIECKERT, J. & KOCH, K. **Ginástica Olímpica: exercícios progressivos e metódicos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- DIETRICH, K. et al. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994.
- FERREIRA, M. G. Teoria da Educação Física: bases epistemológicas e propostas pedagógicas. In: **As Ciências do Esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GALLARDO, J. S. P. & SOUZA, E. P. M. A proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp. In: **Encontro Nacional de Ginástica Geral Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: Gráfica Central Unicamp, 1997.

- GONÇALVES, M. S. **Sentir, Pensar e Agir - Corporeidade e Educação**. Campinas: Papyrus, 1994.
- GOELLNER, S. V. **O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna a escola**. Porto Alegre, 1992. Dissertação de Mestrado.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe- UFSM. **Visão Didática da Educação Física Análises críticas e exemplos práticos de aulas**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- \_\_\_\_\_. Conhecimento e Interesse. In: **Técnica e Ciência como “ideologia”**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1994.
- \_\_\_\_\_. A idéia de universidade: processos de aprendizagem. In: **Revista de Educação**, Lisboa, v. 1, n. 2, 1987.
- HILDEBRANDT, R. Reflexões pedagógicas sobre o currículo em Educação Física. In: **Revista Kinesis CEFD**. Santa Maria, v.1, n. 1, Jan - Jul, 1985.
- \_\_\_\_\_. Configuração Pedagógica do Movimento Esportivo no Ensino da Educação Física Escolar. In: **Revista da Educação Física/ Universidade Estadual de Maringá**. Maringá, v. 1, n. 1, 1990.
- \_\_\_\_\_. Visão Pedagógica do Movimento. In: **Revista da Educação Física / Universidade Estadual de Maringá**. Maringá, v. 4, n. 1, 1993.
- HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- HOSTAL, P. **Ginástica em Aparelhos: espaldar, banco, plinto, corda**. São Paulo: Manole, 1982.
- KOCH, K. **A Ginástica de Aparelhos nas Escolas: crianças dos 6 aos 11 anos**. Lisboa: Compendium, 1980.
- KOS et al. **Ginástica: 1200 exercícios**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- LAGING, R. **“Fichas” de Ginástica: possibilidades de movimento para descoberta - aprender - configurar 5ª e 7ª série**. Stuttgart: Klett, 1990. Texto traduzido.
- KINESIS, Santa Maria, n. 20, 1998

- LUCKESI, C.C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARQUES, M.O. **Pedagogia a Ciência do Educador**. Ijuí: UNIJUÍ, 1990.
- OLIVEIRA, V.M. **Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.
- PAI VA, F. S. L. Ginástica/Educação Física: aproximações historiográficas. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Goiânia, v. 1, 1997.
- PEIXOTO, C. **Ginástica Desportiva**. 3. ed. Lisboa: Edições FMH, 1993.
- PEUKER, I. **Ginástica Moderna Sem Aparelhos**. Rio de Janeiro: Forum, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Ginástica Moderna Com Aparelhos**. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1976.
- RAYS, O.A. Currículo, Saber Escolar e Planejamento de Ensino. In: **Cadernos de Pesquisa Programa de Pós-graduação em Educação**. Mestrado, UFSM, n.10, 1989.
- SIEBENEICHLER, F. B. **Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOARES, C. L. et al. A Educação Física Escolar na Perspectiva do século XXI. In: **Educação Física & Esportes perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.
- TREBELS, A. H. Pláidoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, Unijuí, v. 13, 1992.
- VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Martises Fontes, São Paulo, 1994.
- VYGOTSKY, L. **A formação Social da Mente**. Martises Fontes, São Paulo, 1989.
- VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. Martins fontes, São Paulo, 1988.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. Martises Fontes, São Paulo, 1984